



OPINIÃO



A sabedoria popular ainda se aplica?

JOSÉ RAMALHO FONTES

Director-geral, AESE - Escola de Direcção e Negócios

Na minha mesa do jantar final do Movimento do Milénio, no Convento do Beato, discutia-se a possibilidade de manter a motivação dos dedicados e competentes funcionários públicos quando se lhes corta o ordenado e gerou-se um consenso espontâneo à volta de uma opinião negativa que conduziu à consideração lógica: os melhores vão-se embora, ficam os piores e, no final, Portugal perde!

Sendo certo que, segundo as leis da economia, é inevitável a descida do nível de vida médio da população portuguesa – nisto das médias há muito que se lhe diga! –, nos dias seguintes fiquei a reflectir no problema, atento a considerações que pudessem sugerir temas para discussão no âmbito dos programas de executivos da AESE.

Encontrei, então, uma frase do fundador do Grupo Mota-Engil, Manuel Mota, citada pelo seu filho António Mota: há duas maneiras de viver, ou se ganha mais do que o que se gasta, ou se gasta menos daquilo que se ganha. Assim, quanto se ganha é o que nos condiciona e, portanto, quando diminui ficamos mais condicionados, mais infelizes, logo menos motivados.

Com estas ideias ainda na mente, em conversa de circunstância constatei que se está a multiplicar um novo hábito em muitos executivos: ao jantar, cada vez comem menos, apenas uma sopa ou uma peça de fruta ou um copo de leite, ou um composto de dois destes petiscos; e os que estão a implementar esta dieta afirmam que dormem melhor e que se sentem mais ligeiros, expressão genérica com múltiplos significados, todos positivos.

Embora pessoalmente não partilhe esta experiência porque ainda sou adepto do jantar tradicional, embora dispensando o café e o digestivo, verifica-se que a grande maioria das pessoas come demais, por um lado, e que comer menos pode ser uma apreciável vantagem, por outro. Aprofundando nos porquês destes novos hábitos, descobrem-se duas razões convergentes: o mal estar decorrente do excesso, mesmo ligeiro, e algum conselho de amigo ou especialista para experimentar este regime frugal e económico, que se assimila e se adopta.

Não será difícil, 'mutatis mutandis', transpor para os rendimentos económicos a experiência de que o excesso pode conduzir ao mal estar e que há novos hábitos, aparentemente desagradáveis, que libertam as pessoas para uma vida mais ligeira e flexível. Ou a desafiam para uma 'superação pessoal de criação de valor (e poupança!) que conduz ao sucesso como aconteceu ao conhecido empresário Manuel Mota, autor da máxima. ■

Os melhores vão-se embora, ficam os piores e, no final, Portugal perde!